

“MEU PRIMEIRO VIOLINO” E A EXPERIÊNCIA DE NOVOS LEITORES NO CAMPO MUSICAL PARA A DIFUSÃO DO PATRIMÔNIO MUSICAL EM JOINVILLE – SC

Pedro Romão Mickucz¹
Taiza Mara Rauen Moraes²

*Não se compreende música.
Ouve-se.
Ouça-me com teu corpo inteiro.*
Clarice Lispector

O grupo de pesquisa *Imbricamentos de Linguagens* do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, discute a multiplicidade de linguagens e as formas de expressão que a humanidade constitui e como ela se constitui por intermédio delas. Estudamos como a linguagem musical está entrelaçada entre o material e o imaterial.

Assim, projetos como, “Meu Primeiro Violino”, reafirmam o desejo de instrumentistas joinvilenses em propagar o ensino de cordas orquestrais em espaços comunitários da cidade. Apesar do projeto ser isolado e inédito em escola pública municipal – repercute, porque disseminarmos esse patrimônio musical para além das discussões teóricas, e o objetivo é atingido quando ouvimos novas vozes que entoam melodias que extrapolam o bairro periférico urbano.

A música enquanto linguagem – entre teorias e práticas

Cientes de que o ser humano por si só, já traz consigo, sonoridades e produz sons ao longo da vida, cabe ao professor o difícil trabalho de ressignificar esses sons, tornando musicáveis. Halbwachs (2006, p. 205) exemplifica que “os homens e até mesmo as crianças, antes de aprender a música já escutaram muitas árias, canções, melodias, e que seus ouvidos já contraíram muitos hábitos”.

Nesse sentido, estudos sinalizam que a música é inserida na vida do homem, desde o útero materno – “nas batidas do coração, assim como a respiração dos nossos pulmões e os movimentos mais delicados do nosso metabolismo, juntamente com os ciclos cerebrais” (CORREIA, 2010, p. 135). Experiências e estímulos sonoros tornam o homem sensível à música – seja, nas suas vivências, no ensino, seja na prática, ou na apreciação.

Para Halbwachs, a partir daí se desenvolvem as linguagens musicais. E por linguagem musical entendemos o conceito apresentado por Schurmann (1990, p. 10-11) quando relaciona com as linguagens verbais, ampliando-as para linguagens sonoras e/ou o conceito de comunicação social, conceito desenvolvido por *Althaus e Henne*. Nesse sentido, comunicação social engloba “todo e qual relacionamento que se estabelece entre os membros de uma sociedade com intenções e efeitos comunicativos, isto é, as totalidades das atuações mutuas dotadas de função signífica ou simbólica”.

Em estudos da neurociência, Schaller (apud CORREIA, 2010, p. 135) aponta que a ligação entre a música e a fala se dá porque ambas são trabalhadas na mesma região do cérebro.

¹ Mestrando em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. Joinville – SC, Brasil. E-mail: petter_roman@hotmail.com.

² Doutora Teoria Literária – UFSC. Professora Letras/ MPCS – UNIVILLE. Joinville-SC, Brasil. E-mail: moraes.taiza@gmail.com.

Música e linguagem estão intrinsecamente ligadas, e percebemos essa relação quando Wisnik (1999) aproxima a composição de escalas e notas musicais, com a inúmeras possibilidades de sentenças no campo linguístico

Assim como a língua compõe suas muitas palavras e infinitas frases com alguns poucos fonemas, a música também constrói sua grande e interminável frase com um repertório limitado de sons melódicos, com a diferença de que a música passa diretamente da ordem dos sons para a das frases, sem constituir, como a língua, uma ordem de palavras. (WISNIK, 1999, p. 71).

Partindo para as produções e criações verbais, Bakhtin (1997, p. 110) estende para a música, a sedução em entender o “de fora e não o de dentro”, são dessas interpretações da exterioridade que mais uma vez o campo verbal e o musical se aproximam e fascinam no campo da leitura.

Primeiras arcadas, primeiros sons

O projeto “Meu Primeiro Violino” iniciado em 2012, sob a coordenação do professor Pedro Romão Mickucz, a partir de suas inquietações sobre as práticas musicais na escola. Quando o professor se apresentava em eventos culturais, ou quando falava sobre o instrumento de cordas, percebia-se certa estranheza e desconhecimento por parte dos alunos a respeito da música instrumental.

Esse estranhamento e não acesso ao universo orquestral da música, era “compreensível” em decorrência da E. M. Prof. João Bernardino da Silveira Junior, estar localizada na zona sul da cidade de Joinville, Santa Catarina. O bairro João Costa é considerado uma área periférica da cidade, numa comunidade isolada dos eventos e dos momentos culturais que ocorrem em espaços culturais localizados na área central de Joinville, como: Centro de Eventos Cau Hausen, Casa da Cultura Villa Lobos, Sociedade Harmonia Lyra, Liga das Sociedades, Sociedade Cultural Lírica, Teatro Juarez Machado, entre outros.

Paralelo a isso, estudos apontados por Hentschke; Santos; Pizzato; Vilela e Cereser (2009, p. 96) reforçam a ideia de que alunos do ensino fundamental (principalmente séries finais) se interessam pelo universo musical, pois, a musicalização torna-se cada vez mais pontual no currículo escolar.

Ofertar aulas de música, para além do componente curricular de Artes, está previsto na Lei Nº 11.769, de 18 de agosto de 2008 (BRASIL, 2008) tornando a música conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do ensino da arte nas escolas de educação básica. Essa lei altera o estabelecido pela Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Art. 26, Parágrafo 6 diz que, a música deveria “ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular que trata o § 2º deste artigo”.

A partir daí, percebe-se a música como “uma das linguagens artísticas que podem ser trabalhadas na educação básica, pois as escolas podem optar entre teatro, dança, música e/ou artes visuais para fazer parte do currículo”³ (PIZZATO, 2009, p. 18).

As instituições de ensino, por sua vez, possuem na contemporaneidade o desafio de apresentar possibilidades de culturas diversificadas, frente às tensões entre a universalização do ensino e a lógica individualista da sociedade. Entre os mecanismos capazes de flexibilizar o

³ Lei Nº 13.278, de 2 de maio de 2016, altera o § 6º do art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte.

atual sistema de ensino, Dussel aponta que as ciências humanas no ensino, deveria ressignificar os modelos tradicionais de educação

Como dizia Benjamim, a escola é passado, mas não é só passado; deve ser presente, porém, não apenas presente. Nesse cruzamento e rearticulação de temporalidades, pode haver lugar para uma história, mas como a passagem de uma tradição que se renova e se redefine com cada nova geração. (DUSSEL, 2009, p. 359).

Nesse sentido, utilizamos diferentes ferramentas inventivas e criativas para o ensino de partituras e do instrumento em si.

O projeto busca por intermédio da música orquestral despertar nos alunos possibilidades que rompam com o modelo de escola “dura” (DUSSEL, 2009, p. 357) e de resistências que o sistema educacional apresenta.

Dirigido para alunos do 4º ano do ensino fundamental I ao 9º ano do ensino fundamental II, o projeto visa desenvolver habilidades instrumentais com o instrumento de violino, teoria musical e prática em conjunto.

A partir das aulas individuais e em conjunto, os alunos desenvolvem habilidades “auriculares” que só a linguagem musical pode possibilitar, como: som, movimento e timbre ou qualidade sonora (CORREIA, 2010, p. 136).

Ao utilizarmos mecanismos de leituras de notas musicais (partituras), e execução de músicas destinadas a música orquestral erudita e popular, está indo ao encontro dos objetivos gerais formulados pelo Eixo de Artes nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que estabelece “percepção e utilização dos elementos da linguagem musical”; “interpretação, acompanhamento, recriação, arranjos de músicas do meio sociocultural, e do patrimônio musical construído pela humanidade”; (BRASIL, PCN/Artes, 1997 p. 82-86).



Figuras 01 e 02: Práticas em grupo. Fonte: Secretaria de Comunicação (SECOM) Prefeitura de Joinville - SC

Cientes de que vivemos na “era digital”, buscar estratégias e metodologias que auxiliem na aproximação dessas novas gerações aos conhecimentos “tradicionais”, torna-se um desafio ao professor de música. Nesse sentido, cabe ao professor/músico, mediar os conhecimentos de outros tempos, com as novas mídias. Ressignificando essas relações, saímos de práticas reguladoras, para práticas que oportunizam processos de “apropriação das mídias pelos participantes que dela passam a fazer uso para analisar o mundo, acessar informação, interpretar e organizar seu conhecimento pessoal” (ROJO; BARBOSA; COLLINS, 2005, p. 109-110).



Figura 03: Utilização da lousa digital para ensino de partituras. Fonte: Acervo E. M. Prof. João Bernardino da Silveira Junior

Além dos diferentes momentos de “leituras musicais” e a apreciação do instrumento, ou o musicalizar canções; existe o momento tão importante para o músico que é o de se apresentar para o público. Podemos ver esse momento do músico, assim como é para um escritor ver a leitura de seu texto diante de público. A partir da exteriorização de um texto, por exemplo, Bakhtin (1997, p. 184) relaciona com o “espírito da música”, onde esse momento pode ser compreensível quando “ouço-me no outro, com os outros e para os outros”.

Entendemos através dos PCN’s a importância das apresentações públicas, quando procuramos propiciar aos alunos de músicas “a participação em eventos musicais de cultura popular, shows, concertos, festivais, apresentações musicais diversas, buscando enriquecer suas criações, interpretações musicais e momentos de apreciação musical”. (BRASIL, PCN/Artes, 1997, p. 81).

Desde 2012, os alunos envolvidos, no projeto, já se apresentaram em espaços culturais públicos como na Feira de Livro de Joinville - Mostra de Leitura do PROLER/JOINVILLE, na Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Teatro Juarez Machado, Teatro CNEC (Campanha Nacional de Escolas da Comunidade), escolas municipais da cidade, Sociedade Harmonia Lyra entre outros.



Figura 04: Apresentação nas IX e X Feira do livro em Joinville – 2012 e 2013. Fonte: Acervo E. M. Prof. João Bernardino da Silveira Junior

Ecoando sons para além dos muros escolares

Atualmente, “Meu Primeiro Violino” ampliou sua atuação divulgando para a comunidade em meio virtual, no blog (<<http://violinistasnarede.blogspot.com>>), na tentativa de abrir espaços de comunicação para fora dos muros da escola. Além disso utiliza-se de recursos como a lousa digital, como material de apoio para leitura e composição musical.

O uso de diferentes linguagens como “escrita, imagem, som, vídeo, que coexistem no interior do ciberespaço”, são otimizadas no projeto, assim, a tecnologia torna-se mediadora de conhecimentos e os espaços transformam-se *Cíbridos* (SANTAELLA, 2007, p. 201).

Ao utilizarmos os códigos (leituras de figuras musicais) e produzir sons a partir de elementos tão matemáticos como os algoritmos, podemos entender que os sons emitidos nesse projeto não são simples ecos de acordes musicais. Percebe-se que os sons ecoados são reconstituídos a partir de um mundo já constituído (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 206-207).

Por fim, o ensino de música nas escolas possibilita não apenas a ampliação de repertórios e desenvolvimento nas competências motoras e cognitivas – motivos significativos para a inserção da disciplina de música na escola, sinaliza também, que os imbricamentos das linguagens verbal e musical propiciam novos “enxergamentos” sobre o mundo, por acionarem os sentidos humanos de modo mais pleno. Nesses cinco anos de projeto, criou-se uma cultura musical na comunidade escolar, além de possibilitar a profissionalização de alguns ex-alunos, no campo musical, e que hoje estão muito além dos muros da escola, produzindo sons em diferentes espaços da cidade de Joinville. Assim, o trabalho com a linguagem musical, torna-se um caminho de inserção da escola na comunidade e os espaços periféricos e centrais se aproximaram pelos sons de violinos.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes. 1997.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **LDB**. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 27 jun. 2016.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei Nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. **LDB**. Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/L11769.htm>. Acesso em: 27 jun. 2016.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei Nº 13.278, de 2 de maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. **LDB**. Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm>. Acesso em: 27 jun. 2016.

BRASIL MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA: Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Arte. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf>> Acesso em: 05 jul. 2016.

CORREIA, Marcos Antonio. A função didático-pedagógica da linguagem musical: uma possibilidade na educação. **Educar**, Curitiba, n. 36, p. 127-145, Editora UFPR, 2010.

DUSSEL, Inés. Transmissão cultural assediada: Metamorfoses da cultura comum na escola. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 137, p. 351-365, mai./ago. 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HENTSCHKE, Liane et al. Motivação para aprender música em espaços escolares e não escolares. **Revista Educação Temática Digital**. Campinas, v. 10, n. esp., p. 85-104, out. 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O algoritmo e o mistério da linguagem. In: **A prosa do mundo**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: COSAC NAIFY, 2012.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jaqueline P.; COLLINS, Heloisa. Letramento digital: um trabalho a partir dos gêneros do discurso. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.

PIZZATO, Miriam Suzana. **Motivação em aprender música na escola**: Um estudo sobre o interesse. Dissertação de Mestrado em Música - Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido**: Uma outra história das músicas. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.